

DO EXTRATIVISMO AO CONFLITO: A ECONOMIA ERVATEIRA NA COLÔNIA MILITAR DO XAPECÓ

Leticia Maria Venson¹

Samira Peruchi Moretto²

Palabras clave: Colônia Militar do Xapecó; Erva-mate; Território; História Ambiental; Conflitos Fundiários.

INTRODUCCIÓN

Este trabalho analisa o papel da exploração da erva-mate (*Ilex paraguariensis*) na Colônia Militar do Xapecó entre os anos de 1882 e 1916, buscando compreender como este recurso natural se converteu em elemento estruturante de disputas territoriais, econômicas e sociais no processo de ocupação do sul do Brasil. A relevância do estudo, no âmbito do III EIPOS, está em evidenciar como a erva-mate, além de produto econômico, funcionou como vetor de conflitos fundiários, disputas políticas e resistências locais diante do projeto estatal de disciplinamento territorial. O enfoque metodológico está ancorado na História Ambiental e na História Agrária, articulando o paradigma indiciário (Ginzburg, 1989) com a análise de relatórios militares, documentos oficiais e imprensa da época, de modo a reconstruir as dinâmicas cotidianas da Colônia.

DESARROLLO

A criação da Colônia Militar do Xapecó foi oficializada em 1859, mas sua instalação efetiva ocorreu apenas em 1882, como parte da estratégia imperial de controle das áreas de fronteira e garantia da soberania sobre territórios em disputa,

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul, email: samira.moretto@uffs.edu.br.

² Universidade Federal da Fronteira Sul, email: leticiavenson@hotmail.com.

especialmente no contexto da Questão de Palmas. Apesar de o projeto original prever o desenvolvimento agrícola e a distribuição de lotes a militares e civis, a realidade foi marcada pela falta de infraestrutura, pela escassez de recursos e pela dependência do extrativismo. Nesse cenário, a erva-mate tornou-se a principal base econômica, integrando a região aos circuitos comerciais do Paraná e ao mercado internacional.

A abundância de ervas nativas despertou o interesse de diversos agentes sociais: colonos, indígenas, militares, comerciantes e também ervateiros oriundos da Argentina e do Rio Grande do Sul. A partir da segunda metade do século XIX, a erva-mate consolidou-se como produto de exportação estratégica, ampliando as tensões pelo controle da terra. Com o laudo arbitral de 1895, que reconheceu a soberania brasileira sobre a região, intensificou-se a exploração dos recursos e a presença do Estado como mediador, muitas vezes conflituoso, entre colonos e interesses nacionais.

O desenvolvimento econômico da Colônia foi caracterizado por uma estrutura agrária frágil. A titulação definitiva de terras raramente ocorreu, gerando insegurança jurídica e tensões entre moradores e administração militar. Mesmo após anos de cultivo e ocupação, a maioria dos colonos permanecia com títulos provisórios, o que os deixava vulneráveis às decisões das autoridades. O auge da concessão provisória de lotes ocorreu em 1898, mas apenas 11 receberam titulação definitiva em mais de duas décadas. Tal situação refletia um modelo de ocupação que privilegiava o controle estatal sobre a autonomia dos habitantes locais.

No início do século XX, a economia da Colônia girava quase exclusivamente em torno da erva-mate. Dados de 1904 registram a produção de 82.798 kg do produto, muito superior a qualquer outro item agrícola ou manufatureiro local. Embora houvesse também produção de milho, feijão, fumo e criação de suínos, o volume e a importância econômica eram reduzidos diante do dinamismo da erva-mate. Contudo, essa centralidade econômica não significou prosperidade social, pois a administração militar passou a restringir o acesso dos colonos aos ervais sob o argumento de que apenas proprietários com títulos definitivos poderiam explorá-los. Essa decisão gerou resistência e contestação, registrada em jornais da época, como o Diário da Tarde e o Palmense, que denunciaram o autoritarismo da direção da Colônia.

RESULTADOS, AVANCES Y REFLEXIONES

Os resultados da pesquisa indicam que a erva-mate desempenhou papel central não apenas como produto econômico, mas também como elemento de disputa simbólica, política e social. A fragilidade das concessões provisórias, somada às restrições impostas pelo Estado, levou colonos a questionar a legitimidade da autoridade militar, criando um ambiente de tensões permanentes. O episódio de 1906, quando colonos foram proibidos de explorar os ervais de seus lotes, ilustra a contradição entre o discurso estatal de civilização e progresso e a realidade de exclusão e insegurança vivida pela população local.

As reflexões derivadas desse estudo permitem compreender a Colônia Militar do Xapecó como um microcosmo das contradições da formação do território brasileiro, onde natureza, Estado e sociedade se entrelaçaram em disputas contínuas. Ao mesmo tempo, evidencia-se que os indígenas e populações mestiças foram sistematicamente marginalizados nos processos de exploração econômica e disciplinamento territorial.

CONSIDERACIONES FINALES Y PROYECCIONES

A experiência da Colônia Militar do Xapecó demonstra que o extrativismo da erva-mate foi decisivo para a consolidação da soberania brasileira na região, mas também fonte de conflitos sociais e de resistência local. O modelo de colonização militar revelou limites estruturais: ausência de infraestrutura, falta de garantias fundiárias e centralização do poder nas mãos da administração militar. Em vez de promover integração harmoniosa, esse modelo reforçou tensões e desigualdades.

Em termos de projeção, o estudo sugere a necessidade de aprofundar comparações entre diferentes colônias militares e processos de exploração extrativista na América Latina, identificando semelhanças e diferenças quanto às relações entre Estado, sociedade e natureza. A análise crítica da erva-mate como agente histórico abre possibilidades para compreender o papel dos recursos naturais nas disputas pela formação territorial e soberania nacional. O trabalho contribui, portanto, para o campo da História Ambiental e da História Agrária, ao problematizar as relações entre extrativismo, identidade regional e poder político.

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

REFERENCIAS

ARANHA, Bruno. **Entre Sertões e Desiertos: Viajantes Brasileiros Argentinos na Fronteira (1882-1905)**. 431 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

BEZERRA, Jéssika de Aquino. **Civilizar os sertões, consolidar o Estado a Colônia Militar do Jataí e os aldeamentos indígenas no Tibagi (1845-1897)**. 2015. 275 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2015.

CARVALHO, Miguel; NODARI, Eunice. Araucária, o símbolo de uma Era: A atuação da Southern Brazil Lumber and Colonization Company na história da devastação das Florestas de Araucária. In: KLANOVICZ, Jó; ARRUDA, Gilmar; DE CARVALHO, Ely Berço (Ed.). **História ambiental no sul do Brasil: apropriações do mundo natural**. Alameda, 2012.

GERHARDT, Marcos. Colonos ervateiros: história ambiental e imigração no rio grande do sul. **Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, Florianópolis, v. 18, n. 25, p. 73-95, 23 mar. 2012.
<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2011v18n25p73>.

GERHARDT, Marcos. **História Ambiental da Erva-Mate**. 290 f. Tese (Doutorado) – Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. Chapecó, Argos, 2006.

VENSON, Leticia Maria. **História Agrária da Colônia Militar do Xapecó: Do Império a República (1882-1925)**. 2024. 230f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2024.